This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

https://books.google.com

869.8
S244er

A 858,405

Digitized by Google

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

Digitized by Google

✝

ERA UMA VEZ

UM MENINO

ELEGIAS ESCRITAS POR

ANTONIO SARDINHA

Na morte de seu filho

EM LISBOA

ANNO DE M.CM.XXVI.

Digitized by Google

Digitized by Google

1003/

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Composto e impresso na «Ottosgrafica» — Conde Barão, 50

Digitized by Google

ERA UMA VEZ UM MENINO...

Digitized by Google

OBRA POÉTICA DE ANTÓNIO SARDINHA

Tronco Reverdecido — 1906-1908 (Lisboa, 1910).
A Epopeia da Planície — Poemas da Terra e do Sangue (Coimbra, 1915).
Quando as nascentes despertam... — Poemas da Turbação & da Bôa Estrela (Lisboa, 1921).
Na Côrte da Saudade — Sonetos de Toledo (Coimbra, 1922).
Chuva da Tarde — Sonetos de Amor (Coimbra, 1923).
Era uma vez um menino... — Elegias (Lisboa, 1926).

A PUBLICAR:

Roubo de Europa — Poema.
«Pequena Casa Lusitana» — Sonetos.
Procissão de Cinzas & Outros Poemas.

Digitized by Google

Digitized by Google

LOPO

Filho do dr. Antonio Sardinha e da Senhora D. Anna Julia Nunes da Silva Sardinha.
Nasceu em 14 de Junho de 1914. ✠ Faleceu em 29 de Junho de 1915.

Digitized by Google

ANTÓNIO SARDINHA

ERA UMA VEZ UM MENINO...

Elegias

LIVRARIA UNIVERSAL
DE
ARMANDO J. TAVARES
28, CALÇADA DO COMBRO, 30
LISBOA

Digitized by Google

869.8
S244er

Digitized by Google

3002-176

POR TI O NOSSO SANGUE FOI LIBERTO...

Digitized by Google

Digitized by Google

I

Por ti o nosso sangue foi liberto
dêsse pavor de não tornar a ser!
Mas quando eu via em ti um fruto certo,
quis-te o Senhor por Suas Mãos colher.

Partiste. E desde então no lar deserto
é como se estivesse a anoitecer.
É como quem já visse a morte perto
a vida que levamos sem te vêr.

Digitized by Google

Hoje sem ti não sei se Deus me empraza
a ser eu proprio o ramo derradeiro
da arvore ancestral a que presido...

Tu fôste o filho único da Casa,
Mas quando eu via em ti o meu herdeiro,
logo te vi na morte adormecido!

Digitized by Google

II

Logo te vi na morte enregelado
quando tu eras toda a minha esperança.
Julguei envelhecer contigo ao lado,
só me encontrei contigo na lembrança.

Sobre êsse sonho fui crucificado,
sobre êsse sonho a minha dôr descança.
Olhai! Eu tenho o coração varado,
varou-o a aguda ponta duma lança!

Digitized by Google

Neste caminho que, hesitando, eu trilho,
por sobre campos largos de amargura,
guia a jornada em que a minh'alma vai!

Pois que na vida Deus te fez meu filho,
lá donde estás, cheio de graça pura,
sê tu agora o meu segundo pai!

Digitized by Google

ERA UMA VEZ UM MENINO...

Digitized by Google

Digitized by Google

I

Era uma vez um Menino,
como o Menino-Jesus.
Não sei que imenso destino
no seu destino eu supuz!

Tinha um sorriso divino,
tinha uma aureola de luz.
Era uma vez um Menino,
como o Menino-Jesus.

Digitized by Google

Numa maré de má-sorte,
vi-o nos braços da morte,
como um cordeiro na cruz...

Tão dôce e tão pequenino,
a história dêsse Menino
a isto só se reduz!

Digitized by Google

II

Puer natus est nobis...

A madrugada á janela
vinha bater de mansinho.
Havia um ar de capela,
Deus visitava a meu ninho.

Foi uma scena singela,
cheia de graça e carinho.
Eu não me esqueço mais dela,
lembro-a comigo sósinho.

Digitized by Google

Eram as mesmas figuras
que a gente vê nas pinturas,
honrando algum nascimento...

Fecho os meus olhos: revivo
a calma dum Primitivo
na calma dêsse aposento.

Digitized by Google

III

O nosso sangue é antigo,
são bem antigos os meus.
Por isso louvo e bendigo
o santo nome de Deus!

Vivendo sempre do trigo,
tivémos gado e lebreus.
Oh, se te visse comigo,
a quem sairias dos teus?

Digitized by Google

Com um poder que não passa,
tu déste a prova da raça,
quando te fôste do mundo!

Ó neto de lavradores,
na sementeira das dôres,
deitaste o rêgo bem fundo!

Digitized by Google

IV

Eu convidei a Alegria,
eu convidei a Fartura,
quando o Menino nascia
numa manhã muito pura.

Pedi a Santa Maria,
madrinha bôa e segura,
a vêr se Deus se servia
mandar tambem a Ventura.

Digitized by Google

A casamento ou batizo,
— oúvi-o sempre na vida —,
só vai quem fôr convidado.

Hoje não é já preciso,
que a Morte fez-se apar'cida,
sem lhe mandarmos recado!

Digitized by Google

V

Havia sempre tristeza
no teu olhar transparente,
quer tu brincasses á meza,
quer tu sorrisses p'ra gente.

Senhor de tanta viveza,
tinhas um ar descontente,
a modo que uma estranhesa
de quem sósinho se sente.

Digitized by Google

Tão novo ainda na vida,
na vida nunca o soubeste,
— nunca o soubessem os teus !

Era a lembrança perdida
da tua pátria celeste,
— eram saudades de Deus !

Digitized by Google

VI

Filosofias da vida,
altos conceitos do mundo...
Oh, glória sempre iludida
de ser um génio profundo!

Nessa loucura incontida,
o orgulho é mais que fecundo.
Não acha nunca medida,
é como um pôço sem fundo,

Digitized by Google

Curou-se a minha cegueira.
Eu me arrependo e humilho,
já nada tenta o meu vôo...

Tudo é inutil poeira,
p'ra quem como eu teve um filho,
mas que sem ele ficou!

Digitized by Google

VII

Seria um moço trigueiro
de grandes coisas capaz,
se o não levasse primeiro
Quem tudo faz e desfaz !

Punha-se a rir, prazenteiro,
mostrava um ar de rapaz,
quando passava o leiteiro,
com as vaquinhas atrás.

Digitized by Google

Era a costela rural
de que nasceu Portugal
por obra e graça de Deus.

Em toda aquela alegria,
via-se que ela saía
ao sangue honrado dos seus!

Digitized by Google

VIII

O meu Menino, entretido,
brincava muito sereno,
quando, na mesa caído,
viu um miolo pequeno.

Fez um arsinho entendido.
Depois, sem mais um acêno,
foi apanhado e comido
êsse miolo pequeno.

Digitized by Google

Oh ! que carinha sentida,
o meu Menino, coitado,
mostrava enquanto engulia !

Já era o gôsto da vida
que ao meu Menino, anseiado,
dava a primeira agonia !

Digitized by Google

IX

Casinha branca, aceiada,
oh! casa de Nazareth,
louvada sejas, louvada,
por quem no Lar tenha fé!

Era a familia sagrada,
—Jesus, Maria e José.
A nossa casa, coitada,
já foi o que hoje não é!

Digitized by Google

Tu na costura, entretida,
eu, trabalhando na vida,
e êle entre mimos ao pé...

Sem ser a tanto elevada,
lembrava a nossa morada,
a casa de Nazareth!

Digitized by Google

X

NADA faltava ao Menino,
— só tu, Saudade, é que restas!
Tinha um saimão pequenino
contra as pessoas funestas.

Mas poude mais o destino
que sempre fez coisas destas!
Nada faltava ao Menino,
nem agasalhos nem festas!

Digitized by Google

Nem a roupinha cosida,
nem um socego profundo,
nem a ternura dos seus...

Só lhe faltava ter vida,
pois que não era do mundo
quem só nascera p'ra Deus!

Digitized by Google

XI

NATAL do nosso Menino.
Visitação dos parentes.
Ergamos todos um hino,
cheio de esperanças ardentes!

A Deus que é uno e que é trino
sejam p'ra sempre presentes,
sôbre esse tenro destino,
os votos dos assistentes.

Digitized by Google

Domingo alegre de Ramos
com a ternura florida
das palmas mais dos louvores...

Mas nem de longe esqueçamos
que logo vem de seguida
a Sexta-Feira das Dôres...

Digitized by Google

XII

Mal via a água na mesa,
punha-se logo a chamar.
Sempre a bebeu com surpreza,
numa atenção singular.

Talvês que ainda em rudeza,
já fôsse a idéa do mar.
Só sei que a sua tristeza
tomava então outro ar.

Digitized by Google

Oh ! gôta de água tão dôce,
p'la vez primeira provada,
turvaste o meu pequenito !

O teu olhar alargou-se.
E nesse mar de alvorada
passou um sonho infinito.

Digitized by Google

XIII

Os seus brinquedos, coitados,
jazem a um canto sósinhos,
partidos uns em bocados,
outros ainda inteirinhos.

Com eles muito agarrados,
não lhes faltavam carinhos.
Assim tão bem conservados,
vêem-se agora sósinhos.

Digitized by Google

Enquanto em Deus tu repousas,
nos teus brinquedos se sente
a nossa angustia pesar.

Oh ! a tristeza das cousas,
p'ra ser igual á da gente,
falta-lhe apenas falar !

Digitized by Google

XIV

Andam crianças na rua,
— filhos dos outros, que pena!
E a minha dôr continua,
mas continua serena.

Cada casal leva a sua.
(Seja o que Deus nos ordena!)
Andam crianças na rua,
— muita criança, que pena!...

Digitized by Google

Por entre vidas tão mansas,
neste caminho que eu trilho,
as máguas medem-se a rôdos.

Sorrio a essas crianças,
porque o amôr do meu filho
abrange os filhos de todos!

Digitized by Google

XV

Choras, — e a esperança te anima.
Enche-me a esperança, — e choramos.
Cortam-se os ramos de cima,
mas crescem logo outros ramos.

Tambem a dor aproxima,
vê como nós nos amamos!
Choras, — e a esperança me anima.
Enche-te a esperança, — e choramos.

Digitized by Google

A nossa vida tão mansa
perdeu de todo o govêrno,
não sabe o que ha-de fazer...

Entre a saudade e a esperança,
lembra uma noite de inverno
com o luar a romper.

Digitized by Google

XVI

Essa expressão inocente
nem sempre andava sombria.
Ria-se logo p'ra a gente,
se alguem a luz acendia.

O meu Menino, contente,
não tinha outra alegria.
Punha-se a olhar vivamente,
— o que é que não pensaria? !

Digitized by Google

A luz mais ele, entretidos,
mostravam ser conhecidos,
não sei que havia entre os dois.

Mas o que eu nunca supuz
naquele encanto p'la luz,
disse-m'o a morte depois!

Digitized by Google

XVII

Levei-te um dia á igreja,
puzeste as mãos p'ra o altar.
Sinal que Deus o bafeja,
entrámos nós a pensar.

Pasmo de quem isso veja,
punhas as mãos a sonhar.
Levei-te um dia á igreja,
puzeste as mãos p'ra o altar.

Digitized by Google

E sendo assim pequenino,
sem nunca ser ensinado,
as mãos puzeste ao morrer.

Tanto as puzeste, Menino,
que Deus no ceu encantado,
ao pé de Si te quiz ver!

Digitized by Google

XVIII

Na igreja limpa e modesta
subiu o padre ao altar.
São paramentos de festa,
a missa é dita a cantar.

Eis tudo quanto nos resta
do bem que Deus nos quis dar.
A fôrça única é esta:
— erguer as mãos e rezar.

Digitized by Google

Sonhei um filho com glória,
sonhei o heroi vencedor,
sonhei o que eu não abranjo!

Se a esperança foi transitória,
mais me exaltaste, Senhor,
porque o escolheste p'ra Anjo!

Digitized by Google

XIX

Faz-me tristeza a tristeza
que tu deixaste espalhada.
Assim, com tanta dureza,
sofro uma pena dobrada.

Padeço a mesma incerteza
de quem se visse sem nada.
Nem mesmo á dôr da pobreza
é esta dôr comparada!

Digitized by Google

Sentado, que brincadeira!
Os cantos tristes, desertos,
guardam-te ainda o lugar!

E então a tua cadeira?!
Sempre de braços abertos
parece estar-te a chamar!

Digitized by Google

XX

Laudate, pueri.

Tocam, alegres, os sinos.
São toques de batisado.
Oficio dos Pequeninos,
és todo um hino encantado!

Ó Deus dos altos destinos,
louvado sejas, louvado!
«Louvai a Deus, ó Meninos!»
— é este o salmo entoado.

Digitized by Google

Passam no ar andorinhas.
E a minha dor ruge brava,
de olhos pregados na Cruz.

Oficio das Criancinhas,
— coisas que a Virgem cantava,
quando embalava Jesus...

Digitized by Google

XXI

Sôbre uma crença popular.

Não chores, Filha, não chores,
— aceita, alegre, o destino.
As maguas, mesmo as peiores,
sabem a um gôsto divino!

Cobriu-te a dôr de suores,
eu sei, eu bem imagino!
Mas sofre angustias maiores,
se a gente chora, o Menino!

Digitized by Google

Anjo de Deus inocente,
não vês que o chôro da gente
só servirá p'ra o molhar?

Depois, molhadas as penas
das suas azas pequenas,
como é que ele ha-de voar?

Digitized by Google

XXII

Ao ser lançada a semente,
no grão á terra lançado,
p'ra cada um irmãmente
havia sempre um punhado.

Era a seara da gente,
olhada com que cuidado !
Andava tudo contente,
ao vêr o trigo espigado.

Digitized by Google

Conforme o antigo costume,
teve o Menino seara,
— nenhum de nós a colheu...

Por sôbre o chão como lume,
desfez-se ao sol que a criara,
— ficou p'ra as aves do ceu!

Digitized by Google

XXIII

In excelsis...

QUERO palavras de alvura
com que estes lábios mortais
possam erguer-te á altura
que não se alcança jamais!

Em vão a bôca as procura,
não veem nem nos missais.
Onde haverá criatura
que as tenha bem originais?

Digitized by Google

Entrou a alma do Anjo,
— misterio que eu não abranjo! —
no seio eterno de Deus.

Só em silêncio se exprime
toda a aleluia sublime
que encheu o reino dos Ceus!

Digitized by Google

NOTA

Os dois últimos sonetos não fôram revistos pelo Autor.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 02763 8207

Digitized by Google

Digitized by Google